

Biomuseologia: Pertencimento patrimonial de ambientes territoriais em busca da sustentabilidade

Biomuseology: Patrimonial Belongingness of territorial environments in search of sustainability

Rita C.O. Pedreira¹, Eráclito Pereira² e Iracy Wanderley Filha³. 1. ARCABOUÇO; 2. UFRGS; 3. UFNR / IDEMA-RN (Brasil)

Resumo

A compreensão de que cultura causa sustentabilidade, há muito deixou de ser latente para as comunidades populares. Os indivíduos e grupos que ora lidam com as artes, a gastronomia, as festividades, a oralidade, entre outras vertentes do cotidiano, de um lugar, entendem que estes aspectos salvagam e alicerçam suas tradições, tanto quanto atraem as tendências de um turismo específico e de ótima qualidade socioeconômica. Portanto, informar e disseminar estas lidas, diárias, que compõem uma territorialidade é primordial para alavancar as potencialidades de um lugar. Tanto quanto, utilizar como ferramenta de pertencimento a Educação Ambiental, está norteadora das ações em busca de um planeta mais igualitário. Justamente, tecer esta teia – multifacetada – de atividades que envolvem os conhecimentos-aprendizados de pertencimento de uma localidade é fio condutor da BIOMUSEOLOGIA, isto é: congrega, instrumentaliza e dinamiza, as perspectivas do território em seu viés identitário, informando e comunicando seu dia a dia, catalisando autoestima, como também, fomentando políticas públicas e finanças ao local.

Astract

The understanding that culture causes sustainability has long ceased to be latent for poor communities. Individuals and groups who now deal with the arts, gastronomy, festivities, orality, among other aspects of everyday life, of a place, understand that these aspects safeguard and underpin their traditions as much as attract the trends of a specific kind of tourism, of high socioeconomic quality. Therefore, informing and disseminating these daily practices, that make up a territory, is essential to trigger the potentialities of a place. As much as using Environmental Education as a way to lead to a sense of belonging, is guiding the actions in pursuit of more world equity. Exactly weaving this – multifaceted – web of activities that involve learning-knowledge of belonging of a place is the backbone of BIOMUSEOLOGY, that is to say: to gather, implement and make dynamic the prospects of the territory in its identity, informing and communicating its day to day, catalyzing self-esteem, also by promoting public policies and finances to the place.

Palabras chave

Biomuseologia. Educação Ambiental. Patrimônio Cultural. Sustentabilidade

Key-words

Biomuseology. Environmental Education. Cultural Belongingness. Sustainability

Salvaguardas de Territorialidades

*“Eles ergueram a Torre de Babel
Para escalar o Céu
Mas, Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
Ajudando a construir a torre”.*
Mário QUINTANA

Quando falamos de solidariedade, deixamos de falar de amparo, e sim, passamos à congruência do manejar o ato de incentivar as interdependências dos seres humanos e suas identidades, referentes às suas contrapartidas e/ou envolvimento com os ambientes em que vivem, ou seja, ocorre partilha de experiências e ações cognitivas que perpassam o entendimento e auxílio cooperativo ao outro.

Nestes aspectos, a *BIOMUSEOLOGIA* traz em seu arcabouço, técnicas e tecnologias em diversas áreas do saber científico (museologia, biologia, geografia, economia, antropologia, ciências políticas e etc.); difundindo e ajustando metodologias às necessidades oriundas das demandas locais, e consubstanciando-se nas fontes correlatas aos diversificados saberes e fazeres da comunidade. Nesse diapasão, a Biomuseologia vai criando, assim, um cluster de informações capacitado a amplo bojo de ações que possam “saciar as sedes” locais, com as benéficas da emancipação sustentável e da democratização

dos conhecimentos (epistemológico e empírico), tanto quanto o fortalecimento da organização coletiva e suas culturas, visando à preservação dos seus cotidianos.

Pois que, de acordo com o pensamento do escritor, francês, Antoine de SAINT-EXUPÉRY, “*Você não poderá viver sem os outros, embora na maioria dos casos os outros possam viver sem você... Solidariedade é horizontal: respeita a outra pessoa e aprende com o outro...*”.

Cultura e meio ambiente são atmosferas que se completam. Nesta relação sociedade/natureza, uma enorme rede multifacetária é tecida junto aos fios socioambientais das esferas que perpassam o cotidiano de um lugar e seus inúmeros processos. A *Biomuseologia* engloba práticas de educação ambiental e vivencia os contextos de localidades tradicionais e envolve princípios epistemológicos e práticas empíricas no local, no que diz respeito aos patrimônios culturais, humanos, históricos e naturais, com inúmeras relações e exterioridades no que tange ao alcance do patrimônio imaterial e material de um território.

Acreditamos que este espaço de experiências e extensão educativa, é uma importante contribuição para a formação de sujeitos críticos e comprometidos com a preservação da herança social, cultural, e deste modo, ambiental do lugar. Deve-se ressaltar que as práticas do cotidia-

no não podem ser concebidas, apenas, como conteúdo condicionador de atitudes comportamentalistas, modismos e estereótipos, como exemplificados nas simples iniciativas contemporâneas. Os elementos cultura/natureza, aqui, encontram seu verdadeiro valor na “tomada de consciência”, por parte de suas populações, sobre a complexa rede que os envolvem.

“... toda comunidade tem uma identidade, feita do seu DNA patrimonial: nenhum projeto de desenvolvimento pode ser levado adiante sem considerá-la. [...] Um processo de desenvolvimento, em nível local, não pode durar em longo e muito longo prazo, sem que se estabeleça um consenso forte e uma participação ativa do conjunto dos cidadãos” (VARINE, 2012).

Nesta perspectiva, a Biomuseologia coloca-se tanto como agente transmissora de cultura, quanto como mediadora de experiências visuais e expositivas. As ações de salvaguarda, por sua vez, buscam uma abrangência interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, a fim de alcançar uma ampliação em seu conceito cultural.

O conceito, em voga, é uma iniciativa em busca desta popularização da consciência local, salvaguardando suas culturas tangíveis e intangíveis em territórios de pertencimento e cidadania. Diante disso, a cooptação da informação, a produção e divulgação destes saberes são de vital importância para o desenvolvimento social,

econômico e antropológico, gerando com as ações, mais e mais, preservação dos patrimônios (diversos) dos lugares. É válido salientar, que beneficiar as populações é compromisso do Estado e de setores, distintos da sociedade civil, tanto quanto, firmar parcerias para encontrar soluções às demandas sociais de comunidades tradicionais.

A práxis da Educação Ambiental

No trato das questões ambientais a Biomuseologia estabelece com a Educação Ambiental (EA) um diálogo que tem, no cerne das suas preocupações, a preservação dos patrimônios naturais e culturais por meio da sensibilização e ação individual e coletiva das comunidades acerca da estima do lugar, por seus habitantes. Essa iniciativa biomuseológica, quando cria os sistemas de informações apropriados aos elementos de cada território, oferece ferramentas cognitivas para a práxis da educação ambiental que possibilitarão o protagonismo comunitário, a valorização da natureza e da cultura local.

É por demais sabido que a racionalidade humana, em muitas civilizações do planeta, nem sempre agiu no sentido de promover a harmonia entre os povos. É certo que as consequências desse comporta-

mento tem gerado crises em sentidos ambientais, socioeconômicos, políticos e culturais que não podem ser solucionadas por meios puramente tecnológicos. Abordar esses problemas apenas sob a ótica ecológica é desconhecer de forma até ingênua, a realidade impertinente que precisamos modificar. Nesse sentido, se faz necessário a adoção de princípios e práticas multidisciplinares na sua constituição e interdisciplinares na sua ação de modo que sensibilizem as pessoas a desenvolverem hábitos e valores que garantam a preservação do patrimônio natural e cultural da humanidade.

Numa perspectiva dialógica, reflexiva e atitudinal, a Biomuseologia alia-se a Educação Ambiental para desenvolver métodos e técnicas que subsidiem os atores sociais para o fortalecimento da endógena comunitária e preservação dos patrimônios materiais e imateriais. As relações dos indivíduos e da coletividade com ambiente de suas vivências são consideradas como parte dos processos de transformação da atualidade, tendo em vista a formação uma postura ética de preservação da natureza e da cultura na totalidade da vida societária.

Nesse prisma de abordagem, a Educação Ambiental está preocupada com a pressão exercida nos ecossistemas pelas ações humanas no processo de transformação e criação do espaço como também na (des) construção de territórios. No elenco

das vertentes educacionais (sexual, para o trânsito, antidrogas, saúde etc.), nenhuma tem um apelo tão premente e holístico quanto a EA pelo seu caráter integrado que permeia as raízes basilares das demais “educações” partindo de ações individuais que resultam em benefício comunitário. No entanto, REIGOTA (p.62, 1994) afirma que:

Educação ambiental por si só não resolverá os complexos problemas ambientais planetários. No entanto ela pode influir decisivamente para isso, quando forma cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres. Tendo consciência e conhecimento da problemática global e atuando na sua comunidade, haverá uma mudança no sistema, que se não é de resultados imediatos, visíveis, também não será sem efeitos concretos.

Nessa tentativa de coexistência nas formas de intervir no meio, a comunidade deve transpor a visão sincrética para um conjunto elaborado pela mediação da ação e da reflexão. A resultante desse processo teórico/prático é a práxis da Educação Ambiental. “Essa por sua vez, parte das práticas sociais de uma comunidade para, depois, ao final do processo a ela retornar com uma nova visão, qualitativamente modificada” (QUEIROZ, p.105, 2002). Em sua abordagem sistemática e transversal a EA une-se a Biomuseologia no intuito de proporcionar a mudança de valores e o aperfeiçoamento de habilidades e condições necessárias para obter

um equilíbrio entre os cidadãos e o meio onde vivem.

A interação Biomuseológica com a Educação Ambiental demanda, portanto, uma transformação social do mundo a partir do lugar, pela participação social. Esse processo educativo e emancipatório deve apontar para a construção de novas formas de relacionamentos e ações dos seres humanos entre si e com os aspectos naturais e culturais, pautados na democratização do conhecimento e na valorização dos diversos saberes. A dimensão ambiental, nesse caso, assume um caráter histórico-social, pois não visa apenas à transformação dos indivíduos em relação à natureza, mas de tudo que envolve a dinâmica da sociedade.

O Homem não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um ser-em-situação, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O Homem é um ser da práxis; da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o Homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, envolvendo-o, condiciona sua forma de atuar. Não há, por isto mesmo, possibilidade de dicotomizar o Homem do mundo, pois que não existe um sem o outro (FREIRE, p.28, 1975).

Por essa asseveração compreende-se a importância do agir das pessoas tendo

como referencial o espaço do acontecer, inseridas no próprio contexto ou grupo social. A transformação da realidade atual num cenário, aproximado do desejado, também, requer a articulação do local com o global, evidenciando o crescimento de pertencimento comunitário. Conhecendo o espaço e as tramas sociais que o constitui, a sociedade torna-se crítica e empoderada de métodos, técnicas e práticas para realizar a vida de forma sensível e equânime.

Tecnologias Biomuseológicas

Uma das tecnologias BIOMUSEOLÓGICAS, são as informações geradas pelas coleções diferenciadas, no que se refere ao modelo do seu acervo, que formam um sistema central, entretanto, dividido em partes distintas, mas que se completam no bojo dos processos. São elas: a Documentação do Acervo Participativo (DAP), aonde as partes territoriais e de identidades inter-relacionadas mantém os núcleos do *Banco de Dados Informatizados*, como também, Físicos (BDIF), podendo (se de-sejar) a coletividade interferirem nas suas coleções mediante as suas mudanças e das atmosferas de cada especificidade. (Ver: Tabela 1 e 2).

Propõe-se, com estes aportes a identificação e a semeadura de novos e tradicionais processos de organizações, tendo por emblema o pensamento da territorialidade, juntamente ao auxílio da EA. Tais proces-

COLEÇÃO	ENTENDIMENTO	COTIDIANOS
Cultural	Formas de expressão, identidades	Graffiti, teatro, gastronomia, rituais e etc.
Físico	Local, espacial, territorial e/ou comunitário	Localidades de pertencimento
Histórico	Memória e preservação	Histórias, contos e lendas
Econômico	Condições de vida, trabalho e renda	Financeiro e extra financeiro
Passivo	Demandas e Problemas	Necessidades do dia a dia
Político	Relações de poder (político, religioso e cultural)	Emancipação e participação política

Tabela 1. Série (inicial) das Inteligências do Acervo Participativo.

tos patrimoniais, ao serem abordados e re-significados, causalmente, acarretarão aporte financeiro aos moradores do local, por exemplo, aos setores do Bio e Eco Turismo, pois que, interessará a este filão comercial, o valor cultural do produto disponibilizado, isto é a visita a localidades tradicionais, possui aporte, considerado significativo e tem “valor no mercado”, possibilitando as sustentabilidades locais. No que se refere ao crescimento humano de visitantes e moradores. Ambos, interessados em cultura tradicional, valoram, ainda, mais a experiência. Pois, a memória neste caso, é mantenedor de legado à seus habitantes e visitantes externos que desejam o conhecimento e a participação na cultura de populações tradicionais, e, desta forma contribuirão para a visibilidade local, no que tange as políticas públicas, voltadas ao

Coleção/ Núcleo	DESCRIÇÃO	QUESTÕES
I	Instituições	Promovem parcerias junto às demandas comunitárias? Ampliam a viabilidade dos trabalhos realizados na comunidade? Incentiva a criatividade local?
II	Indivíduos	Qual a relação de autoestima junto ao território? Como se dá a relação dos personagens de pertencimento no local?
III	Aspectos Históricos	Reforça a identidade cultural do lugar? Inova na informação voltada para seu patrimônio particular?
IV	Cultura Regional	É valorizada? Traz sustentabilidade?
V	Recursos Naturais	Preserva-se o ambiente natural? Há harmonia ambiental?
VI	Potencialidades e Problemas	Articula políticas públicas? Emancipa o cidadão?

Tabela 2. Copilações e sugestões (iniciais) de pesquisas do Acervo Participativo.

mote territorial, viabilizando, deste modo, financiamentos que interessam à economia do lugar. Essa ação ocorre sem deixar de considerar, que um indivíduo que possui o sentimento do pertencimento em contato com ambiente, visitado, não apenas ensinará as salvaguardas, será também servidor da melhoria e da preservação do lugar!

Práxis: Vila do Rosado

O espaço geográfico da Vila do Rosado é favorecido por suas belezas naturais devi-

do à peculiaridade biogeográfica marcada pelo encontro do bioma caatinga e o litoral. Instalada em uma área do relevo plano e arenoso, no qual se dá a constante migração da areia proveniente da praia, a comunidade está no entorno de um complexo de dunas móveis, constituindo lençóis de areia conhecidos por “Dunas do Rosado”, além de outras Unidades Geoambientais relevantes como as Falésias (do morro Rosado) e uma extensa zona de superfície de aplainamento, com relevo plano e recoberto pela vegetação de Caatinga, explica Iracy WANDERLEY (Geógrafa e técnica do IDEMA na cogestão do projeto na Vila do Rosado).

O ponto central desta ação, nesta microrregião específica, é abordar a questão da sustentabilidade e dos patrimônios, por meio de uma metodologia, aonde as pessoas possam participar efetivamente do entendimento da realidade local. “Os instrumentos e conteúdos para o aprendizado são aqueles que irão permitir maior coesão na unidade do sistema” (SILVA, 2011).

Neste sentido, o Projeto BIOMUSEOLOGIA, está sendo desenvolvido na Vila do Rosado, Rio Grande do Norte (Estado brasileiro da Região Nordeste). Na localidade os processos de gestão cultural e preservação do patrimônio-total perpassam o sentimento e percepção comunitária¹.

1 Ver vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=4amRk2UIhU8>.

Nesta experiência, todos os processos são acompanhados de pesquisas e reflexões bibliográficas, voltadas à preocupação e criação de novas práticas, mecanismos e experiências no âmbito da tecnologia e gestão de espaços, que propiciem o desenvolvimento sustentável na localidade. Justamente, neste contexto as “coleções patrimoniais”, nesta proposta, são inventariadas e divulgadas, promovendo uma ligação entre os elementos envolvidos e sua originalidade, tornando-se um campo fértil para a conscientização da posse de um patrimônio integral.

Para tais intentos, promoveu-se interação mediante técnicas (exposições interativas, demonstrações, seminários, cursos, rodas de conversas, eventos culturais, mídias interativas, programas visuais, entre outras) de aprendizado-ensino-aprendizado que proporcione bem estar das esferas envolvidas. Labor que se efetivou pela interação e interlocução do próprio projeto, no articular da sua metodologia que transcorre, transversalmente, toda a sua estrutura, ou seja, todas as atividades técnicas estão ligadas de algum modo, pois assim, perceberemos, também, os atores e os espaços patrimoniais.

Vale ressaltar que, o grupo social em questão possui, enquanto comunidade tradicional, saberes, fazeres e leituras a respeito dos meios geradores, no âmbito sócio organizacional, visões que são transmitidas, também oralmente às gerações,

estabelecendo assim, o convívio com a diversidade e biodiversidade circundante. Portanto, a ideia dos procedimentos, aqui, é traçar estágios através dos quais uma versão particular do território, contextualize e valorize as relações patrimoniais nas comunidades locais, e sua conformidade com as perspectivas de sustentabilidade.

Ação continuada...

Os tecidos sociais, formados a partir de fios conjunturais, realizados através da dinâmica cultural na relação cotidiana com o meio ambiente, são desenvolvidos através da junção entre identidade cultural e sensibilização ambiental. Destarte, os elementos cultura-natureza encontram seu verdadeiro valor na tomada de reflexões e decisões, por parte de suas populações, sobre a complexa rede que os envolvem.

Porque o mundo se apresenta no caos das aparências e a única maneira em que podemos entender, desmembrar, analisar, compreender para agir com relação à conjuntura que nos enfrenta é arrombar essa série de aparências congeladas e opacas com as únicas ferramentas que você tem: conceitos; ideias; pensamentos. Arrombá-la e voltar à superfície de uma situação ou conjuntura que está tentando explicar, tendo feito o desvio através da teoria (SOVIK apud HALL, 2007).

Cabe-nos então, refletir sobre ideias e experiências, em favor do redimensionamento, em matizes propedêuticas de espacialidades, por meio de desenhos com roteiro teórico-prático, que comporte as demandas e cenários do território, explicitadas nas lógicas positivas e/ou negativas das comunidades em voga.

Assim, a BIOMUSEOLOGIA, em seu conjunto prático – patrimônio; salvaguarda, sustentabilidade, acervo diferenciado, entre outras ferramentas – pode ser definida como modelo de instrumentalização a serviço da satisfação das necessidades do lugar-presente, comprometendo-se com o futuro, com o aporte do seu passado em uma abordagem antropológica que visa além da prudência à expansão do direito de escolha individual e coletivo, discorrer num papel mais ativo entre indivíduos; grupos e ambiente sustentáveis. Pressupõe-se, com este conceito, que o princípio do acesso equitativo aos bens culturais e naturais, que integram o espaço planetário, atenda as carências dos seus habitantes, agora e sempre.

Conforme PEREIRA (2013, p. 28):

“Com uma concepção ampla e contemporânea, as ações no âmbito do Patrimônio Cultural vêm ultrapassando a monumentalidade e mesmo a materialidade como parâmetro de proteção, para abranger os saberes, as práticas e as manifestações populares, garantindo a preservação da memória dos

diferentes grupos sociais que compõem a sociedade brasileira. O Patrimônio deixa de ser herdado para ser também estudado, discutido, compartilhado e reivindicado; e desta forma, colocado no nível de abrangência devida, como direito à memória”.

Certamente, a fruição do patrimônio local na *“territorialidade do acontecer histórico está sempre mudando, levando à criação e à recriação.”* Pois, (...) *“A força própria do lugar vem das ações menos pragmáticas e mais espontâneas”* (SANTOS, 2006). Nas memórias, histórias e mitos que a comunidade guarda junto à sabedoria de seus habitantes. Nas atividades que proporcionam os diálogos entre a natureza local e suas culturais distintas, que juntas, estabelecem a permuta solidária expressada por seus cidadãos ao longo do seu Tempo e Lugar.

A comunidade tem que acreditar que pode contribuir para a mudança, para o meio do comprometimento, da confiança e do crescimento mútuo. É fácil fazer um museu, mas é muito difícil mantê-lo vivo e atuante. A Museologia precisa estar mais atenta aos processos, ao envolvimento das pessoas, pois é aí que reside a sua força e razão de existência. A Biomuseologia transforma dificuldades em oportunidades, admite a mudança, a pedagogia do erro e a contínua aprendizagem. É inclusiva e promove a qualificação das culturas e dos patrimônios.

Quiçá, alcancemos com esta pesquisa-ação, ao menos, o entendimento da dimensão patrimonial, da obra tecida ao longo das vivências comunitárias e nos cerne das suas ações cotidianas que geram sustentabilidade: Criando, de outro modo, não uma “torre que chegue aos céus”... Como previu o nosso poeta Mario Quintana, mas sim – como creem os biomuseólogos – um açude de água potável, semeando, e com “Deus”, conjuntamente, abençoando... Asê!

Referências bibliográficas

- FISCHER, T. Poderes locais, desenvolvimento e gestão: introdução a uma agenda - marcos teóricos e avaliação. Rio de Janeiro: Casa da Qualidade, 2003;
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- MANDELA, Nelson. Carta a Winnie Mandela, 1975.
- MCGARRY, K. O contexto Dinâmico da Informação: Uma análise introdutória. Brasília, Briquet de Lemos-Livros, 1999.
- PEDREIRA, Rita. Gestão de Novas Tecnologias Educacionais Voltadas a Preservação do Patrimônio Local. In Revista: Bahia Analise & Dados (Ciência, Inovação e Tecnologia) V. 14 N. 4, Salvador, 2005.
- PEDREIRA, Rita. WANDERLEY FILHA; Iracy. Biomuseologia: Educação Ambiental e Preservação de Patrimônios Tangíveis e Intangíveis na Vila do Rosado/RN. III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Paraíba, 2013.
- PEREIRA, Eráclito. Centro Cívico Cruz e Souza: Memória Resistência e Sociabilidade Negra em Lages – Santa Catarina (1918-2012). Dissertação de Mestrado – PPGPPC – UFSM, Santa Maria – RS.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

- QUEIROZ, Alvarim C. A Práxis Ambiental e a Educação Escolar. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). 2002.
- REIGOTA, Marcos. O Que é Educação Ambiental. São Paulo: Brasiliense, 1994. 62 p. (Coleção Primeiros Passos, n.º. 292).
- QUINTANA, Mário. Antologia Poética, Ed. GLOBO 2011.
- SANTOS, M. A Natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção, EDUSP, S.P. 2006.
- SILVA, E. da. Patrimônio e Identidade Os Desafios do Turismo Cultural. Disponível em: <http://www.aguaaforte.com.br/antropologia/peralta.html>. Acesso em 23/03/2014.
- SILVA, L. Inclusão, diferenças e deficiências; Educação e Pluralidade Sociocultural: Instituições, sujeitos e políticas públicas. EDUFBA, 2012.
- SOVIK, Liv. Pensando com Stuart Hall; Comunicação com Estudos Culturais. EDUESF, 2011.
- TOUTAIN, L. Registro da Memória Social e institucional no lançamento da pedra fundamental do ICI-UFBA. In: Preservação documental: uma mensagem para o futuro, Ed. EDUFBA, 2012.
- VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre, Medianiz, 2012.
- VARINE, Hugues de. O lugar da comunidade no museu: uma troca de serviços. Intervenção apresentada no Congresso do ICOM Italiano. Verona, 2007.